

## A CONJUGALIDADE EM PAUTA: UMA ANÁLISE DA LITERATURA PUBLICADA NOS ÚLTIMOS DEZ ANOS

*Mônica Maria Costa Morais Pereira*  
[monica.psic@terra.com.br](mailto:monica.psic@terra.com.br)

*Rosana Salles Raymundo*  
rosalles2011@hotmail.com

Mestrandas em Desenvolvimento Humano: Formação Políticas e Práticas Sociais – PRPPG –  
Universidade de Taubaté – SP

### **Resumo:**

Este estudo buscou identificar e classificar as temáticas relacionadas à conjugalidade nos últimos dez anos. Considerando-a como núcleo da estruturação familiar e esta como base de toda sociedade e sendo, portanto, matriz de todo o desenvolvimento humano, na medida que é promotora e organizadora de grande parte da vida afetiva, social e econômica de seus membros, é um sistema que constrói suas próprias dinâmicas relacionais, determinadas pelas questões históricas, econômicas e sociais nas quais está inserida, transformando a realidade e sendo transformada pela mesma. Nas investigações realizadas sobre o tema as questões apresentadas versam sobre o modo pós-moderno de se relacionar que traz implícito em sua dinâmica o embate entre a individualidade e a conjugalidade.

**Palavras-chave:** Conjugalidade, Resiliência, Desenvolvimento Humano.

### **Abstract:**

This study sought to identify and classify the topics related to conjugality over the last 10 years. Considering it as the core of family structure and this as the basis of the whole society and being, therefore, the bases for all the human development it is the promoter and the organizer of much of the affective, social and economic life of its members; it is a system that builds their own relational dynamics, determined by historical, economic and social issues in which it is inserted, transforming reality and being transformed by it. In investigations carried out on the subject, the questions deal with the postmodern way to relate that brings implicit in its dynamics the clash between individuality and conjugality.

**Keywords:** Conjugality, Resilience, Human Development.

## INTRODUÇÃO

A presente pesquisa teve como proposta central investigar a resiliência na conjugalidade, ou seja, quais os fatores de proteção com os quais contam os casais a seu favor na superação das crises. Utilizou-se como metodologia o levantamento bibliográfico sobre o assunto. Para tal é necessário identificar os desafios pelos quais passam os casais ao longo de seu ciclo vital, verificando a partir de uma análise da inserção ecológica as variáveis dos contextos, recursos pessoais, processo e tempo aos quais os casais estão inseridos e como todos interagem entre si como produtores do desenvolvimento humano destes. Analisar a conjugalidade é poder pensar desde uma perspectiva histórica de como as uniões aconteciam antigamente, onde os parceiros eram escolhidos não pelos envolvidos, mas, pelas famílias de origem de acordo com múltiplos interesses e sem nenhuma perspectiva de sentimentos ou ruptura desta situação. Com o passar do tempo, fatores como a independência da mulher, somada as questões de ordem socioeconômicas, descobertas científicas etc. foram surgindo e a prevalência dos sentimentos como motor da conjugalidade rouba a cena e passa a ser a razão pela qual a conjugalidade passa a existir. O que significou que sobre esta mesma conjugalidade passaram a ser depositadas várias expectativas pessoais de completude e atendimento a níveis de realização que quando não atendidas são descartadas em buscas de novos pares que o preencham. Surgindo na pós-modernidade o grande paradigma das individualidades versos a conjugalidade.

Muitas são as teorias que ao longo do tempo serviram de suporte para a compreensão sobre o tema sendo as mais reconhecidas pelas pesquisas a Teoria do Apego, que valoriza as primeiras relações do bebê como base para as demais relações; a Teoria da crise que foca mais no modo como os casais superam as crises; a Teoria da Troca Social que analisa a superação do obstáculo, mas também as recompensas e por último a Teoria Interacionista que foca nos Sistemas da família. Enfim, o que todas têm em comum e para onde também convergem as pesquisas nessa área é o fato de sempre incluir em suas análises os contextos, dos recursos e os processos adaptativos.

O conceito de resiliência foi sendo alterado ao longo do tempo e sofrendo evoluções. Inicialmente pensado como característica inata que acompanhava a pessoa por toda sua vida tornando-a invulnerável. Depois sob a influência da Teoria Cognitivo-Comportamental adquiriu o foco de aprendizagem, onde pela vivência há um fortalecimento e aprender-se-ia a ser mais resiliente, e finalmente uma terceira perspectiva mais interacionista. (BARLACH,

2005). O termo resiliência é entendido com “propriedade pela qual a energia armazenada em um corpo deformado é devolvida quando cessa tensão, causadora dessa deformação elástica” (DICIONÁRIO AURÉLIO, 1999), que transpostos para a ciência da saúde, foi relacionado à competência humana de adaptação e flexibilidade.

A resiliência no âmbito familiar, considerando [...] em sua totalidade, submetida a desafios próprios do ciclo vital e a outros inesperados. É um processo de adaptação aos eventos estressores que ultrapassa o simples ajustamento, pois envolve a mudança de crenças e de visão do mundo. [...] este processo passa pelos recursos internos da família e os externos da comunidade, levando-se em conta ainda o fator espiritual. (THOMPSON e McCUBBIM, 1996 apud SOUZA E CERVENY p. 119)

O que é fundamental na percepção da evolução do conceito é que deixa de ser considerado como um atributo do intrapsíquico, mas que se relaciona com outras redes de apoio sociais aos quais o indivíduo pertença.

Situações históricas como guerras, conflitos sociais ou qualquer vivência de crise do próprio desenvolvimento humano implicam em desafios e em um nível de resiliência. Para os casais, quesitos como flexibilidade, boa autoestima, tolerância, capacidade de suportar frustração vem sendo apontados como fatores de proteção ao vínculo. E finalmente como isto irá contribuir para o desenvolvimento destes considerando que:

O desenvolvimento humano por sua vez é um conceito extremamente amplo que pode ser definido como todo o progresso alcançado por uma pessoa em toda e qualquer área de sua vida e em qualquer dos aspectos biológicos, psíquicos, sociais e históricos, é compreender o homem em todos os seus aspectos, englobando desde o nascimento até a morte. (DESSEN et al, 2007 p. 381)

A compreensão deste desenvolvimento trouxe a criação de várias teorias que procuram reconstituir; a partir de diferentes metodologias a várias, produções e representações de mundo e de suas vinculações com o momento histórico da sociedade. Para a análise do desenvolvimento com suas múltiplas facetas a Teoria da Inserção Ecológica de Urie Bronfenbrenner permite abarcar o fenômeno da conjugalidade em todas as suas dimensões, pois:

O entendimento do desenvolvimento humano exige mais do que a observação direta do comportamento por parte de uma ou mais duas pessoas no mesmo local; ele requer o exame de sistemas de interação de múltiplas pessoas, não limitado a um único ambiente, e deve levar em conta aspectos do meio ambiente além da situação imediata que contém o sujeito (Bronfenbrenner, 1996, p.18)

Pensar a resiliência na conjugalidade é pensar de modo interdisciplinar todos os vieses: sociais, afetivos, históricos e econômicos que perpassam estes casais e nos novos

arranjos pelos quais eles vão respondendo a estas demandas modificando a realidade e sendo modificados por esta.

Por isto estudar como alguns casais lidam com as suas dificuldades, retirando deste crescimento pessoal e conjugal é a proposta central desta pesquisa. Acredita-se que ao conhecer as dificuldades e as razões pelas quais elas surgem assim como os recursos de proteção usados pelos casais pesquisados possa este trabalho contribuir somando-se as pesquisas já existentes sobre o assunto com o foco não nas dificuldades em que concentram a maioria das investigações, mas sim, nas suas estratégias de superação.

## **DESENVOLVIMENTO**

Investiga-se nesta pesquisa quais as questões existentes hoje pelas quais passa a conjugalidade. Considerou-se as recentes mudanças instauradas nos últimos tempos em partes com as transformações tecnológicas e em partes pelas necessidades advindas de novas demandas do mundo pós-moderno que trouxeram profundas mudanças ao processo de conjugalidade, novas respostas e novos modos de operacionalização foram sendo estabelecidos. Dentre elas, podemos citar o que as pesquisas na área apontam como mais frequente que são: A conjugalidade acontecendo cada vez mais tardiamente, o reduzido número de filhos, a supervalorização da paixão como principal força propulsora na manutenção dos vínculos, a idealização dos sentimentos, a apologia à individualidade, as alterações na Lei do divórcio, a emancipação da mulher, controle de reprodução, a longevidade e tantos outros, que com seu efeito vêm tornando as relações descartáveis trazendo muitas indefinições nos caminhos a serem escolhido.

Observa-se de um modo geral que com novas indagações surgem novos paradigmas de como lidar com tudo isto de modo relativamente rápido, sem perder o foco daquilo que verdadeiramente é importante para o processo do desenvolvimento humano. (DIEHEL, 2002)

Nesta pesquisa conjugalidade se define:

Um neologismo da palavra conjugar, que dá a ideia de união, de ligação entre duas pessoas, sem necessariamente a existência de um contrato formal entre elas. O surgimento de neologismos como conjugalidade se deve, em partes, às amplas e profundas transformações sociais e culturais pelas quais vem passando a família na atualidade. (Diehel- 2002. p.138).

Falar de conjugalidade é necessariamente falar de gênero e do modo como esta foi sendo redefinida pelas questões econômicas, históricas e políticas.

O movimento feminista, desencadeado nos E.U.A e alguns países da Europa teve início no Brasil no final dos anos 70 e início dos 80 (período que coincide com o processo de redemocratização do país) [...] E o movimento feminista, ao discutir o feminino, conseqüentemente ,acabou por rediscutir o masculino (Jornal O Globo 2004 p. 17).

E segundo Jablosnki (1995) a mudança nos papéis exercidas pela mulher leva os homens a “um sentimento de perplexidade e confusão”. (p. 156), uma oportunidade para repensarem seu papel seja para reforçá-lo seja para reformulá-lo.

Falar das transformações que a conjugalidade vem atravessando é necessariamente entender as mudanças do casamento no Brasil e nelas o papel da mulher. Biasoli Alves (2000) nos esclarece sobre as motivações para o casamento no século passado, onde nas duas primeiras décadas eram as famílias de origem que decidiam quando e com quem as filhas se casariam. Já nos anos 30 e 40, as mulheres tinham escolhas, mas precisavam passar pelo crivo do que os pais consideravam um bom casamento. Só nos anos 50 e 60, os pares passam a ter direito de se conhecer fora do domínio da família de origem surgindo um movimento inverso onde cabe aos pais aceitarem a escolha dos filhos. Já com relação à parte legal dos casamentos, Berquó (1998) informa que na época do Império o que determinava o vínculo conjugal era o vínculo religioso, católico e indissolúvel e a partir de 1870, deu-se a organização do registro civil documentado tendo a igreja que informar ao Estado todos os registros matrimoniais. Foi somente no ano de 1890 que se deu a criação da lei do casamento civil, passando a se desvincular totalmente do religioso e ganhou status de validade família e civil. Só mais de meio século depois, em 1942, no artigo 315 do Código Civil é que se estabeleceu o desquite, onde se separavam os bens com a quebra do vínculo matrimonial. E em 1977 com a instituição do divórcio, que se permitiu aos então divorciados, contraírem novo matrimônio e com estes, surgiram inúmeros recasamentos e novas formas de conceber a conjugalidade, surgidas da necessidade de se responder as emergências sociais, sendo uma das mudanças o fato das famílias serem mais nucleares e pelo papel da mulher que vem crescendo no interior desta família. Embora o número de casamentos seja significativo no Brasil, as uniões informais ganharam grande espaço. A união consensual surge como uma alternativa de experimentar a vivência conjugal sem maiores comprometimentos; sendo a questão em geral o surgimento de novas formas de conjugalidade como resposta às

necessidades pessoais, sociais e econômicas. Hoje os casais optam por 1 ou 2 filhos pelas dificuldades econômicas que implicam os custos de cuidar de um filho com escola, saúde etc.

O que se observa pela prática clínica e se confirmam pelas pesquisas é que a conjugalidade não deixou de ser uma fonte de felicidade para o homem moderno mas que:

Os indivíduos tem se divorciado, não por considerarem o casamento menos importante, mas, justamente porque sua importância é tão grande que eles não aceitam que a vida conjugal não corresponda as suas expectativas. Com o aumento das separações, crescem também em número e em diversidade, as novas configurações familiares (Féres-Carneiro, 2002, p. 14).

Para ilustrar esta análise, os dados do IBGE indicam que o “número de recasamentos passou de 47 mil em 1984 para 95 mil em 2002, aumento de 102%” o que vai na mesma direção apontada pelas pesquisas. Os índices de recasamentos abrem também o seguinte dilema: se por um lado deseja-se manter o casamento, por outro o que se espera da conjugalidade?

A família não morreu, mas está sendo reinventada no cotidiano. [...] Ela é ainda amada, sonhada e desejada por homens, mulheres e crianças, em todas as idades, orientações sexuais e condições sociais (Roudinesco, 2003).

A conjugalidade é ainda um lugar que se deposita projetos e vista como fonte de vida e realização do ser humano, mas como tudo, vem sofrendo mudanças nos últimos anos. Para a mulher vem se mostrando como fonte de insatisfação na medida em que 70% dos processos de separação saem deflagrados por estas, enquanto que os homens são também contribuintes das separações, na medida em que trazem a questão da infidelidade como ponto alto. A primeira pesquisa sobre conjugalidade foi realizada por Terman et all em 1938, que utilizou apenas uma pergunta para avaliar a felicidade e a satisfação dos cônjuges: o que basicamente diferencia os casais felizes dos infelizes? Já se passaram oito décadas e não existe um consenso com relação aos teóricos; visto que a felicidade conjugal é multidimensional e muito subjetiva e sobre as quais variam as teorias utilizadas para embasar as pesquisas. Porém as mais utilizadas, segundo Diehel e Wagner (2002) são a Teoria da Troca Social que afirma serem os comportamentos dos casais mediados pela quantidade de obstáculos existente e o ganho a ultrapassá-los. A Teoria da Crise pede que analisem o modo como lidam com as situações adversas e valorizem os obstáculos vencidos. A terceira é a teoria do Apego que valoriza as primeiras interações e a quarta é a dos Sistemas Familiares que pressupõe a ideia de família como criadora de um sistema próprio e com dinâmicas específicas. Estas teorias têm em comum a valorização do contexto, a capacidade de auto avaliação e a de superar

problemas como fundamentais na delimitação de que se possa chamar de qualidade conjugal, colaborando com a manutenção da relação.

E nas últimas décadas, Karney e Bradbury (1995) trouxeram como união de três teorias: do apego, da crise, e comportamental criaram um modelo de adaptação da vulnerabilidade ao estresse, que se integrem as teorias ao considerar como sendo o fundamental na conjugalidade: O contexto, os recursos pessoais e os processos adaptativos. Pode-se concluir dos vários autores e das pesquisas realizadas, que o fenômeno da conjugalidade é multidimensional e que os estudos nesta área deve ser interdisciplinar para uma compreensão o mais próximo da realidade.

Ressaltando ainda o que muitas pesquisas de autores como Jablonski (1995); Aboim (2009); Oltramari (2009); Goldenberg (2005) e Féres-Carneiro (1998, 2010) para citar os que mais se alinham ao tema pesquisado, apontam de modo geral que o maior impacto da modernidade sobre a conjugalidade seja o fenômeno do excesso de individualismo que começa historicamente quando o homem se tornou o centro do universo e a partir do que os seus quereres também ocuparam o primeiro plano, caminhando do iluminismo até a pós-modernidade este grande "EU" vem ocupando cada vez mais a cena. Hoje se questiona os efeitos desta construção subjetiva, mas, *"a identidade somente se torna uma questão quando está em crise, quando algo que se supõe como fixo, coerente e estável é deslocado pela experiência da dúvida e da incerteza"* (HALL, 2006)

O que se constata na literatura pesquisada é que a conjugalidade só se mantém enquanto responde a estes anseios narcísicos, de que os cônjuges sejam exatamente como se deseja, implicando isto em esperar dos parceiros (as) a completude (que não existe), o que abre espaço para a frustração e para as separações ao verificar que os parceiros (as) não podem ocupar este lugar idealizado.

Reafirma Calligaris essa ideia ao mostrar que:

O drama dos relacionamentos contemporâneos é que desde que o amor e o desejo passaram a fazer parte do quadro da conjugalidade, as pessoas tornaram-se intolerantes ao fato de que eles podem não se realizar plenamente (CALLIGARIS apud FUJIOKA, 2009, p. 41).

Outro conceito trazido pelos teóricos da conjugalidade é o de afetividade líquida, trazido pelo sociólogo Zygmunt Bauman (2005) para explicar a dificuldade de solidez das relações na atualidade, produzindo não só laços muito frágeis, mas profundas angústias ao não poderem crer em mais nada. Em sua definição de amor líquido aponta que hoje, os relacionamentos são de "bolso"; só servem se posso carregar de modo fácil e sem esforço

algum e esclarece que já existem condições prévias para se travar um relacionamento a *“Primeira- condição deve-se entrar no relacionamento plenamente consciente e totalmente sóbrio. Lembre-se: nada de amor à primeira vista aqui.* (Bauman, 2003 p.37) Tudo isto fruto desta demanda de que cada um seja atendido imediatamente, não permitindo a permanência para a construção de uma identidade do casal e nem o amadurecimento de cada parceiro para aprender a conviver com as faltas e com os limites. A rapidez com que os relacionamentos afetivos, nascem e são descartados está diretamente ligado à dificuldade de sair do mundo imaginário onde tudo é possível de toda gama de valores líquidos da sociedade pós-moderna, tornando os sentimentos como mercadorias que só se mantêm enquanto servem para mim. Neste sentido existe toda uma estruturação construída na sociedade e vendida nas mídias de que existe *“a perfeição”, “a completude”*. Para ilustrar esta ideia cito a música do grupo Engenheiros do Hawaii diz:

*“Vender, comprar, vender os olhos  
 Jogar a rede... contra a parede  
 Querem te deixar com sede  
 Quem são eles?  
 Quem eles pensam que são?”  
 3º Pessoa do Plural*

*Acústico MTV  
 Engenheiros da Hawaii  
 Gravadora Universal*

Saiu-se da posição romântica onde todos eram príncipes e princesas para estabelecer um contato direto com o real, sem nenhuma intermediação com a esperança construtiva, obtendo disto outros fenômenos sociais como o encurtamento cada vez maior da infância, relacionamentos exclusivamente virtuais sem comprometermos verdadeiros, podendo *“encomendar”* nos vários sites a pessoa com quem quer se relacionar; em que o outro só existe em função de um auto abastecimento ou como extensão de mim mesmo e não como possibilidade de alteridade e diferenciação. Também sobre isto é possível pensar que parte destas atitudes se deve como mostram as pesquisas de Féres-Carneiro (1997) e Rosset (2005) que dentre as mudanças vividas pela conjugalidade é o fato de sair desde movimento idealizado e estabelecer um contato maior com a realidade que permitiria um processo de aprendizagem e crescimento para os envolvidos. Mas, como todo processo de mudança não é linear o que se observa na realidade ainda é um *“traumatismo”* vivido no real e a pendência para atitudes de descrença como foi apontado acima.



Para demonstrar a temática pesquisada foram encontrados 75 artigos nas seguintes bases de dados: SCIELO (Scientific Eletronic Library), PEPSIC (Periódico Eletrônico de Psicologia), REDALYC (Redação de Revistas Científicas da América Latina y el Caribe, Espanã y Portugal) e Bancos de dados esparsos: divulgação científica da UNIDAVI (Centro Universitário para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí), Editora Escuta, Biblioteca Digital UNISINOS (Universidade do Rio dos Sinos), Revista PUCSP (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo), Biblioteca da UCG (Universidade Católica de Goiás), Pós-Graduação da Universidade Federal de Uberlândia, Instituto de Educação Superior de Brasília, site pessoal de Bernardo Jablonski e no Google Books.

O objetivo foi buscar artigos e teses publicados nos últimos 10 anos sob o descritor “conjugalidade“, a fim de verificar temas que se apresentam relacionados ao mesmo e o que se concluiu através destes. A classificação foi feita com base na leitura no título dos artigos e teses. Na grande maioria dos títulos foi possível identificar os temas relacionados. Nos artigos e teses em que a classificação era duvidosa realizou-se a leitura dos resumos, visto que a natureza do tema pesquisado tem várias interfaces. O objetivo desse levantamento foi classificar os temas e aspectos mais relacionados com a conjugalidade na atualidade, como pode-se observar no quadro abaixo, que se refere ao levantamento das pesquisas sobre a Conjugalidade.

NÚMERO TOTAL DE PUBLICAÇÕES SOBRE CONJUGALIDADE DIVIDIDO POR TEMÁTICA

<b>TEMAS</b>	<b>SCIELO</b>	<b>PEPSIC</b>	<b>REDALYC</b>	<b>ESPARÇOS</b>	<b>TOTAL</b>
Conjugalidade/Violência	01	06	00	00	07
Conjugalidade/Homossexuais	00	03	00	00	03
Conjugalidade/Doenças	02	05	00	00	07
Conjugalidade/Separação	02	04	01	00	07
Conjugalidade/Família	07	10	00	01	18
Conjugalidade/Terapia de Casal(Construção e Teoria)	07	08	01	00	16
Conjugalidade/Individualidade	00	06	01	03	10
Conjugalidade/Satisfação Conjugal	00	01	01	03	05
Conjugalidade/Internet	00	00	01	00	01
Conjugalidade/Envelhecimento	00	00	00	01	01

				<b>TOTAL GERAL</b>	<b>75</b>
--	--	--	--	------------------------	-----------

Observa-se que o maior número de pesquisas versa sobre o tema Conjugalidade e família, Conjugalidade e Terapia de Casal (construção teórica e método/técnicas) e Conjugalidade e Individualidade, que embora não seja o tema diretamente apontado, mas que nas leituras dos textos ficam claras. Como por exemplo na questão da conjugalidade e satisfação conjugal, onde o que é definido como satisfação, está implicitamente ligado ao que é considerado importante para cada um dos envolvidos. Verifica-se assim que a preocupação com a conjugalidade está diretamente ligada ao alcance da mesma num campo social maior, no caso a família, em seguida aparecem as várias pesquisas que buscam teorizar sobre a conjugalidade a partir das escutas clínicas em suas múltiplas abordagens resultando no desenvolvimento de variadas técnicas e finalmente o que foi apontado na grande maioria das pesquisas, mas priorizado em título com exclusividade apenas por um grupo de pesquisas, a grande questão da atualidade: o fenômeno do excesso de individualidade do mundo pós-moderno, apontado como um dos maiores empecilhos na manutenção do vínculo conjugal na contemporaneidade. Das 75 pesquisas encontradas, somente 30 trazem na discussão a questão aqui investigada da conjugalidade com foco na compreensão da crise e em especial na sua superação. Optou-se por uma análise mais pormenorizada apenas desta pesquisas dentre as 75 pesquisadas, que mostraram em algum momento a preocupação com a superação das dificuldades. Embora o foco das buscas se concentre nos últimos 10 anos, foram catalogadas 4 pesquisas sobre o tema nos anos 90, especificamente a partir de 1994, e aqui lançadas por apresentarem dados que contribuem para a compreensão da pesquisa na medida que inauguram novas visões sobre o tema.

De 1994 a 2000 temos, iniciando-se no ano de 1994 com a questão que envolve a ruptura ou a manutenção do casamento Féres-Carneiro (1994); seguido em 1995 pela mesma temática da crise na contemporaneidade e novamente com Féres-Carneiro (1998) apontando a grande questão da individualidade *versus* conjugalidade que se mantém como um dos temas centrais ainda na atualidade como consequências das formas de conjugalidade na pós-modernidade; e nesta pesquisa a autora esclarece: “o que facilita e o que dificulta a construção de um casal é o fato de ter implícito em sua dinâmica, duas individualidades e uma conjugalidade” (FÉRES-CARNEIRO, 1998); e Bernardo Jablonski (1998) traz entre outras coisas a discussão do processo de idealização e da paixão e como estas podem minar a relação; por isto a aceitação das diferenças é ponto fundamental.

Nos anos de 2001 a 2005, foram apresentadas 7 pesquisas, que apresentam em geral uma preocupação com os aspectos mais saudáveis das relações tratando de reinvenções do vínculo amoroso, sexualidade (que curiosamente só aparece como temática nesta pesquisa que não é Brasileira mas Francesa); a satisfação como possível numa relação duradoura e uma proposta de superação dos obstáculos com uma visão mais realista do que é amor por Rosset. E Jablosnski em 2003 lança sua tese com a pergunta: Afinal, o que quer um casal? E responde que estes quererem são antagônicos, o homem traz em seu comportamento uma dupla moral com uma regra para si e outra para sua companheira, existe diferenças nos padrões de conduta: a mulher acha que evoluiu, mas, na prática tem condutas morais bem mais rígidas consigo mesmas já o homem se percebe mais moralista, mas na prática é bem mais benevolente com suas traições, mas não com as das parceiras; aponta ainda que a igualdade dos sexos é uma utopia hoje e que os casais recebem estímulos sociais ambivalentes o que os atrapalha bastante. Seguindo sua linha de pesquisa Féres-Carneiro (2003) é quem nos apresenta uma possibilidade de experiência positiva onde a conjugalidade auxiliaria uma transformação do eu pela via da identificação ao outro e fechando este pequeno bloco temos Mirian Goldenberg (2005) tratando dos aspectos das mudanças na relação devido ao impacto alcançado pela mulher na atualidade.

Em 2007, para quebrar o grande vazio que se segue, há uma única pesquisa em que retoma o tema da satisfação e insatisfação como possibilidades de serem nutridas a partir a partir do próprio “EU”.

Faz-se então um grande silêncio nas pesquisas que se ascendem de modo mais intenso no ano de 2009 com a produção de 8 pesquisas no mesmo ano que têm como temáticas repensar as questões da contemporaneidade e as várias formas de manifestação da afetividade que é atravessada pelos valores, crenças da culturas na qual se está inserida. Dentre elas os casais que escolhem não ter filhos, a continuidade dos vínculos surgidos na internet, a percepção que os casais tem sobre seus próprios vínculos e no fim deste ciclo a questão do sentimento de solidão na conjugalidade, que para tratar o tema, utilizando do referencial teórico da Fenomenologia articula o construto de estruturas universais presentes em toda conjugalidade, que operam tanto para a construção ou seu oposto, a destruição da vivência amorosa. São elas: Tolerância, Solidariedade, Estima Respeito, Amor conjugal, Amizade e Amor ágape ou seus opostos a Intolerância, Falta de estima, Falta de solidariedade, Proteção individualista, Falta de amor conjugal, Solidão individual (Fujioka, 2009).

No ano de 2010 surge, como um ano de várias pesquisas, 5 num total ,onde as temáticas se repetem entre como se constrói ou destrói a relação, a individualidade x conjugalidade na modernidade e a necessidade que tem os casais de ajudas específicas para primeiramente se conhecer e aprender a lidar de modo saudável com a conjugalidade independente do destino do casamento. E um item que novamente Féres-Carneiro nos presenteia que é sobre um olhar para a compreensão sobre os litígios intermináveis como uma forma às avessas de manter o vínculo e da extensão disto para outras áreas.

E para finalizar, no ano de 2011 o número de pesquisas se manteve em 5, sendo duas dentro de uma perspectiva positiva em que se analisam fatores que facilitam e dificultam a conjugalidade como já havia sido apontado antes e uma terceira que aponta dentro das novas formas de conjugalidade para uma nova e real categoria o “Namorado”, que surge como alternativa a um compromisso ”líquido” em que se é um pouco marido mas não por inteiro, pois se é também eterno namorado mas não no sentido romântico que isto pudesse ter; mas sim da não vinculação total comum nos dias de hoje. Uma quarta trata das influências da família de origem na constituição das novas conjugalidades, tanto a nível interno como externo quando se tem que compartilhar o mesmo espaço físico e por fim uma pesquisa de um tema que em breve será muito importante de ser pensado já que o Brasil irá se tornar um país de idosos; repensar quais as mudanças que isto trará para o ciclo vital da família, em que contextos e quais os desafios que se tem pela frente. Esta pesquisa aponta como o casal se vê diante do envelhecimento e os desafios a serem vencidos por estes enquanto base de toda estrutura familiar. Ressaltando ainda que estes sejam apenas alguns universos pesquisados não esgotando sua amplitude dentre os vários bancos de dados existentes, mas acredita-se ser uma amostra representativa de qual o cenário seguido nos últimos anos pelas pesquisas na área da conjugalidade e superação.

Para ampliar esta análise recorreu-se a compreensão deste fenômeno através da análise bioecológica de Urie Bronfenbrenner que traz como diferencial a análise dos processos psicológicos que passam a ser propriedade de sistemas; o foco da teoria esta nos processos e nas interações rompendo com a ideia dicotômica entre mente-corpo, pessoa-meio; influenciado pelas ideias de Kurt Lewin e entende que *“O desenvolvimento consiste em um processo de interação recíproca entre a pessoa e o seu contexto através do tempo”* (Narvaz e Koller, 2004, p. 53). Conceito que evoluiu e passou a dar ênfase ao processo que é definido como “relação entre o ambiente e as características da pessoa em desenvolvimento: Propondo o novo modelo que o desenvolvimento humano seja estudado através da interação sinérgica

de 4 núcleos inter-relacionados: o processo, a pessoa, o contexto e o tempo” (Narvaz e Koller, 2004, p. 54). O Processo que ganhou destaque foram os processos “proximais considerados motores para o desenvolvimento” (Bronfenbrenner e Morris, 1998, p. 996). Continuando o autor nos esclarece que estes processos ocorrem a partir de 5 premissas que são:

- 1) A pessoa estar inserida em uma atividade;
- 2) Esta interação deve ocorrer em base regular de tempo;
- 3) Ir se complexando ao longo do tempo;
- 4) Para que sejam efetivos deve existir reciprocidade das partes envolvidas;
- 5) O entorno, objetos, símbolos no ambiente devem buscar estimular a atenção, a exploração, a manipulação e a imaginação da pessoa em desenvolvimento.

A análise da conjugalidade como um processo e o foco nos processos proximais foi fundamental para a compreensão do que ocorre na estruturação das conjugalidades. A pessoa como segundo componente envolve *“tanto as características determinadas biopsicologicamente enquanto aquelas que foram construídas na interação com o ambiente: o desenvolvimento está relacionado, ainda, com a estabilidade e a mudança nas características biopsicologicas da pessoa durante o ciclo vital”* (Bronfenbrenner & Morris, 1998. citado por Narvaz e Koller p. 55). Neste sentido pode-se pensar o quanto a conjugalidade é atravessada pelas características de cada parceiro que compõe a dupla e que irá conduzir esta conjugalidade com seu referencial interno de expectativas, experiências vividas na família de origem, empenho, dúvidas, medos. Assim como com suas determinações biológicas ou predisposições genéticas que marcaram seus graus de impulsividade, etc... Pode-se pensar aqui nas mudanças sofridas pelo ciclo vital da conjugalidade e que trarão mudanças na forma como o casal se relaciona em cada fase da vida repleta de nuances próprias; como, por exemplo, a fase dos filhos pequenos que tem características próprias e todas as outras subsequentes.

Dentro da pessoa atuam três características que são a força, recursos e as demandas que iram favorecer ou obstaculizar a relação de casal dependendo de como sejam e da interação que estabelecem entre si as partes. Já o terceiro componente do modelo bioecológico refere-se ao contexto que compreende a *“interação de 4 níveis ambientais (micro, meso, exo e macrossistema). Tais níveis estão articuladas na forma de estruturas concêntricas inseridas uma na outras, formando o meio ambiente ecológico”* (Narvaz e Koller 2004 p. 57)

O microsistema é o contexto no qual existem relações interpessoais experienciados (no sentido de como a pessoa percebe a realidade); sendo aqui que ocorrem os processos proximais, que produzem e sustentam o desenvolvimento. Aqui também entraram os aspectos dinâmicos de força, recursos e demanda de cada pessoa e das interações de seus vários aspectos físicos, sociais e simbólicos. Assim como pela interação com “*outros significativos que vão atuar a partir de seu modo de funcionar e contribuir como ativadores das relações de reciprocidade para a pessoa em desenvolvimento*”. (Bronfenbrenner, 1995).

O mesossistema é o conjunto de microsistemas que a pessoa ao crescer vai ampliando como escola, igreja enfim pequenos grupos que passam a compor a vida de uma pessoa. O exossistema é formado pelos ambientes que tem participação indireta na vida da pessoa, mas que, a influenciam, por exemplo, o trabalho dos pais, vida social, comunidade que a família se encontra. E por ultimo o macrossistema que é formado por influências não mensuráveis diretamente como crenças, culturas, governos e subculturas. (Bronfenbrenner, 1996). E por fim o quarto componente do modelo é o tempo que nos permite verificar os efeitos de continuidade e mudanças, para o desenvolvimento humano e que também se subdividem em micro, meso e macrotempo.

Considerando que a Teoria Bioecológica propõe estudos destacando a dimensão cultural e transcultural para ratificar o conceito de inserção ecológica que é a compreensão do fenômeno de modo, participativo para seu melhor entendimento. Bronfenbrenner (1986) também aborda as influências que a família tem ao cuidar e aponta vários estudos de famílias em relação a outros microsistemas como escola, rede social que também se deixam alterar, mas também alteram a estrutura da conjugalidade. Porém essa análise se processará depois.

## **CONCLUSÃO**

Neste estudo, pela análise das pesquisas em questão pode-se compreender que a conjugalidade é para todos uma fonte de vida, felicidade e carrega em si grande investimento afetivo, por isto esta longe de deixar de existir como fenômeno das relações humanas. O que se verifica na atualidade é a busca por relacionamentos que propiciem melhores condições para a manutenção das identidades, de modo a permitir o desenvolvimento psicológico e emocional dos parceiros e certos níveis de tolerância para que haja também o crescimento da conjugalidade como um terceiro elemento.

Considerou-se, também, que a era da pós-modernidade está historicamente marcada pelos excessos de individualidade, sendo este modo operante um entrave à construção da conjugalidade.

Faz-se fundamental entendê-la como um processo que requer desenvolvidos: tempo, investimento emocional e maturidade.

## REFERÊNCIAS

- ABOIM, S. **Da pluralidade dos afetos: trajetórias e orientações amorosas nas conjugalidades contemporâneas.** *Rev. bras. Ci. Soc.*, Jun 2009, vol. 24, no.70, p.107-122  
link:[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S010269092009000200007&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010269092009000200007&lng=pt&nrm=iso) - acesso em: 28 de maio de 2012 às 10h00min
- AURÉLIO, Dicionário.
- BARLACH, L. **O que é resiliência humana? Uma contribuição para a constituição do conceito** - Biblioteca Digital. USP. 2005
- BAUMAN, Z. **Amor Líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos.** Rio de Janeiro: Zahar. 2005
- BENGHOZI, P. **Resiliência familiar e conjugal numa perspectiva psicanalítica dos laços.** *Psicologia Clínica.* Vol. 17 nº 2 Rio de Janeiro, 2005
- BERQUÓ E. S. **Arranjos Familiares no Brasil: Uma visão demográfica** in: LILIAN SCHWARCZ (org). **Historia da vida privada no Brasil 4. Contrastes da intimidade contemporânea.** São Paulo: Companhia da Letras, v. IV, 1998.
- BIASOLI-ALVES, Z. M. M. **Continuidades e Rupturas no papel da Mulher Brasileira no Século XX.** *Psicologia: Teoria e Pesquisa*- vol. 16 n.03 pp 233-239, 2000
- BOZON, Michel. **Sexualidade e conjugalidade: a redefinição das relações de gênero na França contemporânea.** *Cad. Pagu*, 2003, no.20, p.131-156. – link [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-83332003000100005&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332003000100005&lng=pt&nrm=iso) – acesso em: 28 de maio de 2012 às 12h23min
- BOWLBY, J. **Cuidados Maternos e Saúde Mental.** Editora WMF Martins Fontes, 2ª edição, 2006
- BRONFENBRENNER, U. **A Ecologia do Desenvolvimento Humano: Experimentos Naturais e Planejados.** Porto Alegre: Editora - Artes Médicas. 1996
- \_\_\_\_\_. **Bioecologia do Desenvolvimento humano: tornando os seres humanos mais humanos.** Porto Alegre: ArtMed, 2011.
- CEZIMBRA, M. **Desordem na família.** In **Jornal O Globo**, Rio de Janeiro, 23 mar. 2003, *Jornal da Família*, p.1

- CYRULNIK, B. **“O murmúrio dos Fantasmas”** - Editora Martins Fontes São Paulo: 1ª edição :2005
- DESSEN, M. A. & JUNIOR, A. L. C. **A ciência do Desenvolvimento Humano Tendências Atuais e Perspectivas Futuras** - Editora Artmed. 2008
- DICIONÁRIO AURÉLIO eletrônico; século XXI. Rio de Janeiro, Nova Fronteira e Lexicon Informática, 1999, CD-rom, versão 3.0.
- DIEHEL, J. A. & WAGNER, A. **A família em cena**. Petrópolis: Vozes, 2002.
- \_\_\_\_\_. **Qualidade Conjugal: Mapeando Conceitos**. **Revista**. USP.sib.usp.br Ribeirão Preto – vol. 16 – nº.35 – 2006
- DONNAMARIA, C. P; Terzis, A. **Sobre a Evolução de Vínculos Conjugais originados na Internet**. Arquivo Brasileiro de Psicologia. v.61. no.3, dezembro de 2009. Rio de Janeiro. – link [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1809-52672009000300009&script=sci\\_arttext&lng=es](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1809-52672009000300009&script=sci_arttext&lng=es) – acesso em: 30 de maio de 2012 às 15h09min
- DUARTE, Juliana Puppim; Rocha-Coutinho, Maria Lúcia **"Namorado": uma forma contemporânea de conjugalidade?** *Psicologia Clínica* 2011, vol.23, no. 2, p.117-135. – link [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-56652011000200008&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652011000200008&lng=pt&nrm=iso) – acesso em: 28 de maio de 2012 às 10h47min
- FÉRES-CARNEIRO, T; Diniz Neto, **Terapia de Casal: Ruptura ou manutenção do Casamento?** *Temas Psicológicos*. Vol.2 nº 2, agosto de 1994. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. 1994 – link - [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1413-389X1994000200005&script=sci\\_arttext](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1413-389X1994000200005&script=sci_arttext) – acesso em: 30 de maio de 2012 às 14h57min
- \_\_\_\_\_. **Casamento contemporâneo: o difícil convívio da individualidade com a conjugalidade**. *Psicol. Reflex. Crit.*, 1998, vol.11, no.2, p.379-394. – link [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-79721998000200014&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79721998000200014&lng=pt&nrm=iso) – acesso em: 28 de maio de 2012 às 11h18min
- \_\_\_\_\_. **Família e Casal: arranjos e demandas contemporâneas** – Rio de Janeiro: Ed. PUC Rio; São Paulo: Loyola, 2003.
- \_\_\_\_\_. **Construção e dissolução da conjugalidade: padrões relacionais**. *Paidéia (Ribeirão Preto)*, Ago 2010, vol.20, no.46 p.269-278 – link [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-863X2010000200014&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-863X2010000200014&lng=pt&nrm=iso) – acesso em: 28 de maio de 2012 às 11h56min
- FREUD, S. **Introdução ao Narcisismo**. **Obras Completas de Sigmund Freud**. Imago Editoras, 1914
- FUJIOKA, T. R **Solidão na Relação Conjugal: Um Estudo Fenomenológico**. Dissertação de Mestrado não publicada em Psicologia (Universidade Católica de Goiás), 2009.



HALL, S. **A Identidade Cultural na Pós- Modernidade**, DP & A Editora: 11 ed Rio de Janeiro - 2006

GOLDENBERG, M. **Dois é par: uma referência fundamental nos estudos de gênero e conjugalidade nas camadas médias urbanas brasileiras**. *Physis*, 2005, vol.15, no.2, p.359-363. – link [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-73312005000200010&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73312005000200010&lng=pt&nrm=iso) – acesso em: 28 de maio de 2012 às 11h48min

GOMES, I. C; Levy, L. **Indicações para uma terapia de casal**. *Vínculo*, Jun 2010, vol.7, no.1, p.13-21 – link [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1806-24902010000100003&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-24902010000100003&lng=pt&nrm=iso) – acesso em: 29 de maio de 2012 às 10:17

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

JABLONSKI, B. A difícil extinção do Boçalossauro, em NOLASCO, S. (org.) **A desconstrução do Masculino**. Rio de Janeiro: Rocco.

\_\_\_\_\_. (org.) **Afinal, o que quer um casal?** \_Programa de Pós-Graduação PUC Rio de Janeiro Ed: Loyola – 2003 <http://bernardojablonski.com/pdfs/producao/afinal.pdf>

\_\_\_\_\_. **Até que a vida nos separe: a crise do casamento contemporâneo** - 2º Edição Rio de Janeiro: Ed Agir – 1998 [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1413-389X1994000200007&script=sci\\_arttext](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1413-389X1994000200007&script=sci_arttext)

KARNEY, B. R. & BRADBURY, T. N. **Assessiny Longitudinal change in marriage: An instriduction to the analysis of growth curves**. *Journal of Maniage ande the Family*. - 1995.

KOLLER, S. H. & NARVAZ, M. G **O Modelo Bioecológico do Desenvolvimento Humano**. Citado em **A Marginalização dos estudos Feminista e de Gênero na Psicologia Acadêmica Contemporânea**. *Revista Psicologia- V-38 – N 3 pp 216-223- 2007*

KOLLER, Silvia H. Org. **Conversando com Bronfenbrenner Ecologia do Desenvolvimento Humano**. - Universidade Federal do RG do Sul, 2004

MACHADO, L. M. **Satisfação e Insatisfação no Casamento: os dois lados de uma mesma moeda?** UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA Programa de Pós-Graduação em Psicologia - Mestrado Área de Concentração: Psicologia Aplicada. UBERLÂNDIA, Minas Gerais. 2007 – link [http://www.webposgrad.propp.ufu.br/ppg/producao\\_anexos/014\\_Dissertacao%20LUCIANE%20MEDEIROS%20MACHADO.pdf](http://www.webposgrad.propp.ufu.br/ppg/producao_anexos/014_Dissertacao%20LUCIANE%20MEDEIROS%20MACHADO.pdf) – acesso em 30 de maio de 2012 às 16h45min

MAGALHÃES, A. S; Féres-Carneiro, T. **A Conjugalidade na Série Identificatória: experiência amorosa e recriação do eu**. *Pulsional, Revista de Psicanálise*, pág. 41-50, ano

XVI, no. 176 dezembro de 2003. – link [http://www.editoraescuta.com.br/pulsional/176\\_05.pdf](http://www.editoraescuta.com.br/pulsional/176_05.pdf) - acesso em: 30 de maio de 2012 às 16h23min

MARINÔMIO, de Paula Antunes, A. L; Seixas Magalhães, A.; Féres-Carneiro, T. **Litígios Intermináveis: uma perpetuação do vínculo conjugal?** Aletheia, no. 31 fevereiro-abril 2010, pág. 199-211. Universidade Luterana do Brasil, Canoas, Brasil–link <http://redalyc.uaemex.mx/redalyc/src/inicio/ArtPdfRed.jsp?iCve=115016959016> acesso em: 30 de maio de 2012 às 14h03min

MORAES, M. C. J.; et al. **Influência das percepções maritais/parentais sobre relacionamentos de conjugalidade: método ADI/TIP.** *Psic.: Teor. e Pesq.*, Dez 2009, vol.25, no.4, p.647-655. – link [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-37722009000400021&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722009000400021&lng=pt&nrm=iso) – acesso em: 28 de maio de 2012 às 10h30min

NEVEZ, T. et al Pequena historia da família brasileira. **O GLOBO**. Rio de Janeiro. 25 de jul. 2004, Jornal da Família, p. 1

OLTRAMARI, L. C. **Amor e conjugalidade na contemporaneidade: uma revisão de literatura.** *Psicol. Estud.*, Dez 2009, vol.14, no.4, p.669-677. – link [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-73722009000400007&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722009000400007&lng=pt&nrm=iso) – acesso em: 28 de maio de 2012 às 11h07min

PAES NORGREN, M. B. et al. **Satisfação Conjugal em Casamentos de Longa Duração: Uma Construção Possível.** Estudos de Psicologia, pág. 575-584, setembro-dezembro, ano 2003, vol. 9, no. 2003. Universidade Federal do Rio Grande do Norte – Natal, Brasil. – link <http://redalyc.uaemex.mx/redalyc/src/inicio/ArtPdfRed.jsp?iCve=26190320> – acesso em 30 de maio de 2012 às 12h15min

PIRANI, D. **Resenha de “Reinvenções do Vínculo Amoroso” de Marlise Matos.** Revista Estudos Feministas, segundo semestre de 2001, vol. 9, no 001, pág. 314-316. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, Brasil. – link <http://redalyc.uaemex.mx/redalyc/src/inicio/ArtPdfRed.jsp?iCve=38109123> – acesso em: 30 de maio de 2012 às 14h48min

PRATI, L. E; Koller, S. H. **Relacionamento conjugal e transição para a coparentalidade: perspectiva da psicologia positiva.** *Psicol. Clin.*, 2011, vol.23, no.1,

p.103-118 – link [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-56652011000100007&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652011000100007&lng=pt&nrm=iso) – acesso em: 28 de maio de 2012 às 11h35min

QUALIDADE CONJUGAL: MAPEANDO CONCEITOS. **Revista USP**. Sibi USP. Br. Ribeirão Preto. Vol. 16 – n. 35 – 2006

RIOS, M. G; Gomes, I. C. **Estigmatização e conjugalidade em casais sem filhos por opção**. *Psicol. Estud.*, Jun 2009, vol.14, no.2, p.311-319 – link [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-73722009000200012&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722009000200012&lng=pt&nrm=iso) – acesso em: 28 de maio de 2012 às 11h23min

ROSSET, S. M. **Relação de Casal: Tempo, Mudanças e Práticas Terapêuticas**. Curitiba: Editora: Sol p. 39-63

Rosset, S . M . **O Casal nosso de cada dia** – Curitiba – Editora : Sol – 2004

ROUDINESCO, Elisabeth. Entrevista. **Jornal O Globo**. Rio de Janeiro, em 23 de março de 2003, caderno Jornal da Família.

SANTOS, Z. A. **Relações entre concessões e individualidade em relacionamentos amorosos**. Instituto de Educação Superior de Brasília. – link [http://www.iesb.br/repiesb/resumos/2010\\_01/psic\\_repiesb\\_zenilda.pdf](http://www.iesb.br/repiesb/resumos/2010_01/psic_repiesb_zenilda.pdf) - acesso em: 30 de maio de 2012 às 12h57min

SBICIGO, J. B; Lisbôa, C. S. M. **Habilidades sociais e satisfação conjugal: um estudo correlacional**. *Rev. bras.ter. cogn.*, Nov 2009, vol.5, no.2, p.73-81. – link [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1808-56872009000200008&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-56872009000200008&lng=pt&nrm=iso) – acesso em: 29 de maio de 2012 às 10:28

SCORSOLINI-COMIN F.; Santos, M. A. dos. **Ajustamento Didático e satisfação conjugal: Correlação entre os domínios de duas escalas de avaliação da conjugalidade**. *Revista Psicologia: Reflexão e Crítica*, no. 24, ano 3, pág. 439-447, 1993. Acesso em: 05 de junho de 2012 às 09h00min <http://www.scielo.br/pdf/prc/v24n3/a07v24n3.pdf>

SILVA FIGUEIREDO, M. H. J; et al. **Ciclo vital da família e envelhecimento: contextos e desafios**. *Revista Temática Kairós Gerontologia*, pág. 11-22, junho 2011, São Paulo – link <http://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/6483/4700> - acesso em: 30 de maio de 2012 às 14h25min

SOUZA, M. T. S; CERVENY, C. M. O. **Família e resiliência**. In: Família org São Paulo: Ed. Casa do Psicólogo, pág. 53-84, 2004

TEIXEIRA, M. L. et al. **Estratégia de enfrentamento do cotidiano conjugal Psicologia e Reflexão**, no 14, ano 3 pág. 635-642, 2010. Acesso em 05 de junho de 2012 as 09:56. <http://redalyc.uaemex.mx/redalyc/src/inicio/ArtPdfRed.jsp?iCve=18814319>

VENTURINI, J. N. **Conjugalidade nos Anos Iniciais do Casamento: Experiências na Família de Origem**. Dissertação de Mestrado – Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, 2011. – link [http://bdtd.unisinos.br/tde\\_arquivos/14/TDE-2011-11-09T161400Z-1587/Publico/JoseleNadinVenturini.pdf](http://bdtd.unisinos.br/tde_arquivos/14/TDE-2011-11-09T161400Z-1587/Publico/JoseleNadinVenturini.pdf) - acesso em: 30 de maio de 2012 às 13h15min

VIDEO SOBRE CASAMENTO: [http://minhavidu.uol.com.br/bem-estar/videos/10023\\_casamento\\_saudavel\\_5\\_dias\\_para\\_manter\\_o\\_relacionamento\\_feliz](http://minhavidu.uol.com.br/bem-estar/videos/10023_casamento_saudavel_5_dias_para_manter_o_relacionamento_feliz) acesso em: 10/02/2012 às 15:00

VIEIRA, E. D; Stengel, M. **Os nós do individualismo e da conjugalidade na Pós-Modernidade**. Aletheia, Ago 2010, no.32, p.147-160. – link [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-03942010000200012&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-03942010000200012&lng=pt&nrm=iso) – acesso em: 29 de maio de 2012 às 11h15min

WALSH, F. **Fortalecendo a Resiliência Familiar** Editora Roca 1ª edição: – São Paulo -2005